



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 18 | Nº. 34 | Jan./Jun. de 2026

Renata Carneiro

PPGHCS/COC/FIOCRUZ

carneirorn@yahoo.com.br

Atores locais e produção do conhecimento científico nos relatos de Francisco Freire Allemão sobre o Ceará.

RESUMO

O objeto deste estudo são os relatos do médico Francisco Freire Allemão de Cysneiros sobre o Ceará (1859-1861). Argumenta-se que a construção do conhecimento científico produzido naquele documento foi dialógica, pois contou com saberes de múltiplos atores locais. Buscamos dar continuidade aos estudos que vêm evidenciando a participação de todos os envolvidos no processo de construção de conhecimento, e que foram marginalizados nas narrativas científicas.

Palavras-chave: Viajantes naturalistas; Ceará oitocentista; Francisco Freire Allemão.

ABSTRACT

The object of this study is the accounts of the physician Francisco Freire Allemão de Cysneiros about Ceará (1859-1861). It is argued that the construction of the scientific knowledge produced in that document was dialogical, as it involved the knowledge of multiple local actors. We seek to continue studies that have been highlighting the participation of all those involved in the knowledge construction process, who have been marginalized in scientific narratives.

Keywords: Naturalist travelers; 19th-century Ceará; Francisco Freire Allemão.

Introdução

Dentre as principais fontes da historiografia brasileira estão as narrativas de viagens do século XIX. Entre as instituições científico-literárias que muito contribuíram para a sistematização da história do Brasil, está o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), criado em 1838. Muitos viajantes, tanto estrangeiros quanto do próprio país foram membros e sócios correspondentes desse Instituto, e contavam com o apoio do Imperador D. Pedro II. Entre os objetivos dessa Instituição estava a sistematização e a construção da história do Estado Nacional, recém-formado.

Entre os membros do IHGB, que se destacaram na construção de uma ciência local, está o médico fluminense Francisco Freire Allemão de Cysneiros (1797-1874). Cabe dizer que sempre que mencionarmos o cientista, adotaremos a grafia que consta do “Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)”. Para fins de citação, utilizaremos a grafia apresentada nas respectivas fontes.

O objeto deste estudo são os relatos de viagem do médico Freire Allemão sobre o Ceará. O objetivo é compreendermos como o viajante construiu aquela fonte. Buscamos entender de que modo os saberes de atores locais participaram da produção do conhecimento científico, especialmente sobre doenças, práticas de cura e natureza no Ceará oitocentista.

Nesta pesquisa trabalhamos com a ideia de “ator” presente nos estudos do sociólogo francês Bruno Latour (1947-2022). Para Latour (2012), ator é tudo que tem agência e que seja uma fonte da ação, podendo ser humano ou qualquer outra coisa, incluindo os não-humanos¹. Quando nos referirmos a “atores locais” no artigo, estamos considerando todos os indivíduos que atuavam especificamente nas regiões pelas quais Freire Allemão percorreu durante a Comissão Científica.

Apesar de Freire Allemão descrever como ele obteve as informações sobre os aspectos naturais e culturais do Ceará, mencionando os nomes dos personagens e os documentos oficiais consultados por ele, percebe-se que em muitos momentos o viajante tentava se distinguir daquilo que narrava. Ao observar as práticas, as concepções de cura e os recursos naturais utilizados para aquele fim, o viajante escreveu que precisaria realizar testes, a fim de comprovar a eficácia

¹ Compreendemos por “não-humanos” todas os seres ou forças que não pertencem à mesma espécie do homem.

de tudo. Observamos ainda que em muitos momentos, Freire Allemão correspondia-se com naturalistas europeus, a fim de se certificar sobre aplicabilidade correta de determinados espécimes vegetais.

Sabe-se que ao longo do século XIX os médicos com formação acadêmica ainda buscavam afirmar sua autoridade, tentando se distinguir de praticantes populares como barbeiros, sangradores, curandeiros e outros práticos. Essa busca pela afirmação de um conhecimento científico válido pode ter impactado a escrita de Freire Allemão, pois em inúmeros momentos vê-se o médico contactando seus pares, como naturalistas estrangeiros, acerca da aplicabilidade de recursos naturais e práticas terapêuticas observadas no Ceará.

Esta pesquisa é do tipo descritiva, com o objetivo de analisar algumas passagens em que Freire Allemão relatou sobre o tema das doenças e práticas de cura no Ceará em seu diário de viagem, fruto da Comissão Científica do Império (1859-1861)². Argumenta-se que a produção daquela fonte e do conhecimento ali presente foi possível também pela participação de outros atores sociais, como médicos com formação acadêmica, boticários, funcionários públicos, indígenas, escravizados e outras pessoas com as quais o viajante teve contato na viagem.

Para conduzir este estudo dividimos o artigo em três partes. Na primeira, exporemos de forma breve, alguns dos traços biográficos e da trajetória profissional de Freire Allemão. Na segunda parte analisaremos determinados trechos do diário do cientista com informações sobre moléstias e práticas de cura usuais no Ceará. Na terceira parte trataremos sobre concepções sobre saúde e doença que vigoravam no século XIX.

Com isso, pretendemos dar continuidade aos estudos no campo da História das Ciências sobre os relatos de viajantes naturalistas do século XIX, que consideram todos os atores sociais envolvidos no processo de construção científica. Ressaltando como as observações e interações de Freire Allemão durante aquela empreitada concorreu de forma significativa para a construção do conhecimento científico no Brasil do Oitocentos.

Quem foi Francisco Freire Allemão de Cysneiros?

² Para esta pesquisa trabalhamos com as versões do diário de viagem de Freire Allemão, publicadas pelo Museu do Ceará (2006) e pela Fundação Waldemar Alcântara (2011).

Com o intuito de conhecer a vida privada e a trajetória científica de Freire Allemão, utilizamos como principais referências os trabalhos de Darcy Damasceno (1961), Renato Braga (1962) e Melquiades Pinto Paiva (2012). Esses autores foram escolhidos por terem realizado pesquisas e levantamento de dados importantes dos principais viajantes que se relacionaram com IHGB ao longo do século XIX, entre eles Freire Allemão. Além dessas referências, utilizamos o “Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)”.

Francisco Freire Allemão de Cysneiros, filho de lavradores, nasceu em 1797 na antiga Fazenda do Mendanha, situada na freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande, província do Rio de Janeiro (atualmente zona oeste da cidade do Rio de Janeiro). Casou-se em 1864 com sua sobrinha, Maria Angélica. Sem filhos naturais, o casal adotara um menino órfão, chamado Tito.

Quanto à vida acadêmica e profissional, em 1822 ingressou na Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro, onde diplomou-se como cirurgião-aprovado, em 1827. Em 26 de abril de 1828, o cientista fluminense recebeu carta de habilitação em Cirurgia e Medicina, e logo após a formatura foi convocado para acompanhar o Imperador, em uma viagem ao sul do Brasil. Melquíades Paiva (2012) ressaltou que por intermédio do médico francês José Francisco Xavier Sigaud (1796-1856)³, Freire Allemão conseguiu uma passagem gratuita em um navio de guerra da França, em que embarcou em outubro de 1828, e chegou a Paris em fevereiro do ano seguinte. Por lá estudou Medicina com grandes dificuldades financeiras, tendo em vista que não pertencia à família de classe abastada. Iniciou seus estudos de Botânica com o médico francês Jacques Clarion (1779-1844).

Segundo Paiva (2012), a tese Freire Allemão sobre a papeira, intitulada “Dissertation sur le goitre”⁴ lhe possibilitou o diploma de Doutor em Medicina expedido pela Faculdade de Medicina de Paris em 1831. Em fevereiro de 1832, o naturalista retornou ao Brasil, desembarcando na cidade do Rio de Janeiro, onde passou então a residir.

³ O Dr. José Francisco Xavier Sigaud emigrou para o Brasil, no Rio de Janeiro, em 1825. Destacamos a obra “Du climat et des maladies du Brésil ou statistique médicale de cet Empire” (1844). Disponível em: <https://www.anm.org.br/jose-francisco-xavier-sigaud/>

⁴ “Papeira” ou “bócio” é o inchaço da glândula tireóide, que sofre hipertrofia global ou parcial. Caracteriza-se pelo aumento de volume da base do pescoço. Disponível em: Significado de bócio: [Med.]-Bócio ou papeira é o inchaço da glândula tireóide, que s...

Muitos foram os títulos e honrarias recebidos por Freire Allemão que realçam o quanto o médico se relacionou com as instituições e associações científicas importantes do Brasil no século XIX. Porém, para esta pesquisa importa analisarmos seu trabalho como presidente e chefe da Seção de Botânica da Comissão Científica do Império, ocorrida no Ceará e algumas províncias do Norte, entre 1859 e 1861.

O caminho que perseguiremos a seguir é a análise do diário que Freire Allemão construiu sobre a viagem. Chama-nos atenção os relatos sobre doenças e artes de curar. Percebe-se que diversas pessoas lhes prestavam informações sobre determinados usos que faziam da natureza, seja alimentício, comercial ou terapêutico. No entanto, quando buscamos como o conhecimento científico foi conformado no país, esses saberes locais foram relegados.

As observações sobre as doenças e práticas de cura nos trabalhos de Freire Allemão a cargo da Comissão Científica de Exploração (1859-1861)

Antes de tratarmos sobre alguns dos trechos em que Freire Allemão relatou sobre o tema da saúde e das doenças no diário de viagem do Ceará, daremos uma breve explicação sobre o que foi a Comissão Científica de Exploração. Essa empreitada foi uma iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), proposta pela primeira vez na sessão de 30 de maio de 1856, pelo Dr. Manuel Ferreira Lagos (1816-1871). Na ocasião, o médico analisava as narrativas sobre o Brasil, construídas pelo naturalista inglês a serviço da França, conde de Castelnau (1810-1880)⁵. Lagos considerou que a obra de Castelnau continha notícias errôneas sobre o país e seus costumes como um todo. Diante disso, Lagos levantou propôs que novas descrições sobre o país deveriam ser realizadas, sendo que agora, pelos próprios brasileiros:

Continua o sr. dr. Lagos na leitura de sua analyse da viagem do conde de Castelneau pelo interior do Brazil, e ocupando-se da parte relativa à província do Pará, trata depois da necessidade da exploração do interior do Brazil, e termina com uma apostrophe a S.M. o Imperador pedindo se digne de tomar sob sua alta proteção a seguinte proposta, assignada também por todos os srs. Sócios presentes: <<**Propomos que o Instituto Historico e Geographico**

⁵ A obra que o Dr. Manuel Ferreira Lagos analisou naquela ocasião foi a “Expédition dans les parties centrales de l’Amérique du Sud: de Rio de Janeiro à Lima, et de Lima au Para” (1850-59), do naturalista inglês Conde de Castelnau. O trabalho de Castelnau foi dividido em 7 partes, sendo a parte 1 formada por 6 volumes, e a parte 7 por 3 volumes. Cada volume é composto de 3 tomos.

Brazileiro se dirija ao governo imperial pedindo-lhe haja de nomear uma com-missão de engenheiros e de naturalistas nacionaes para explorar algumas das provincias menos conhecidas do Brazil, com a obrigação de formarem tambem para o Museu Nacional uma colleção de productos dos reinos organico e inorganico, e de tudo quanto possa servir de prova do estado de civilização, industria, usos e costumes dos nossos indigenas» (LAGOS, 1856, p.12, **grifo nosso**).

De acordo com o trecho destacado, Manuel Ferreira Lagos, que posteriormente foi escolhido como chefe da Seção de Zoologia da Comissão Científica, apontava a necessidade de uma expedição feita exclusivamente pelos “filhos do país”. Para o naturalista, no contexto de afirmação e consolidação do Estado Nacional brasileiro, era imprescindível que o Brasil ocupasse uma posição de destaque enquanto produtor de ciência. Nesse projeto, as regiões mais longínquas da capital imperial precisariam ser conhecidas de forma mais aprofundada.

Segundo Manoel Salgado Guimarães (1998), após a emancipação política do Brasil, as viagens e explorações científicas iam ao encontro do grande debate da história regional, muito mobilizado pelo IHGB, que envolvia a tentativa de integrar fisicamente o território brasileiro. A possibilidade de exploração econômica das regiões mais longínquas do centro político (Rio de Janeiro) também esteve entre as preocupações dos viajantes. No entanto, considerar as regiões mais interioranas do Brasil não conforme as suas especificidades, mas de forma intrínseca ao quadro nacional era um intento complexo. De acordo com José Murilo de Carvalho (2006), o passado colonial e algumas experiências emancipatórias de algumas localidades explicaria a dificuldade do processo de integração de todo o país.

Ainda que a dificuldade em integrar regiões que possuíam suas especificidades tenha sido levantada pelos articuladores do processo de integração do território, via Comissão Científica, o governo, no parágrafo 1º do artigo 17, da Lei nº. 884, de 1º de outubro de 1856, autorizou a criação da expedição. Essa lei também fixava a despesa, orçamento e a receita para o exercício financeiro dos anos de 1857 e 1858.

A proposta de uma expedição científica feita exclusivamente por brasileiros foi bem recebida, e nas sessões posteriores a do dia 30 de maio de 1856 foram

sendo indicados os membros que comporiam essa viagem, além de todas as instruções e objetivos a serem desenvolvidos pelas pessoas que dela participariam.

A Comissão contou com cinco seções⁶, composta ainda por membros adjuntos, criados e outras pessoas. Os cientistas chegaram em Fortaleza no dia 04 de fevereiro de 1859, retornaram do Ceará em 13 de julho de 1861, rumo ao Rio de Janeiro.

Percebe-se que ao longo da viagem ao Ceará, Freire Allemão foi relatando não só os aspectos do mundo natural, mas também da cultura cearense em geral. Muito típico dos diários de viagem escritos por naturalistas contemporâneos a ele, percebe-se descrições de elementos que estavam para além do *métier* de Freire Allemão como médico e botânico. O que encontramos na narrativa do naturalista também abarca uma vasta pesquisa sobre a história e cultura do Ceará.

Os estudos que se originaram da coleção de história natural do Ceará, foram realizados sobretudo por Freire Allemão e seu sobrinho, que foi membro adjunto da Seção de Botânica, Manoel Freire Allemão (1823-1864)⁷. Percebe-se que tanto em seus estudos sobre a natureza como nos dados etnográficos do Ceará, houve a participação de atores locais, que em alguma medida, subsidiaram os trabalhos da Comissão.

Na segunda metade do Oitocentos, o Ceará e as províncias do Norte ainda eram desconhecidas ou pouco estudadas, o que serviu para justificar o projeto do Estado, muito difundido nas sessões do IHGB. Argumentava-se que determinadas regiões deveriam ser conhecidas com mais precisão. Conforme já mencionado, esse projeto, que teve apoio do governo, visava, sobretudo, que as regiões interioranas pudessem ser integradas economicamente e socialmente, a fim de formar um quadro coeso da história nacional.

Para este trabalho, estamos utilizando o diário de viagem de Freire Allemão. A metodologia aqui empregada é o destaque e análise das passagens em que há menção, sobretudo, às doenças e práticas de cura percebidas no Ceará.

⁶ Foram designados os seguintes membros para a Comissão: Francisco Freire Allemão de Cysneiros (1797-1874), como presidente da expedição e chefe da seção de botânica; Guilherme Schüch de Capanema (1824-1908), como chefe da seção geológica e mineralógica; Manuel Ferreira Lagos (1816-1871), como chefe da seção zoológica; Giacomo Raja Gabaglia (1826-1872) como chefe da seção astronômica e geográfica; Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), como chefe da seção etnográfica e narrativa de viagem; José dos Reis Carvalho, como pintor da expedição.

Com isso buscamos ressaltar que o desenvolvimento de estudos desse campo do saber construídos pelo médico fluminense, contou com múltiplos atores sociais no decorrer da viagem.

Adentrando agora nos trechos do diário, destacamos algumas notas sobre a Vila de Aracati, onde Freire Allemão esteve entre 29 de agosto e 14 de setembro de 1859. Tem-se o relato da existência de uma botica, na casa do boticário identificado por ele como F. Teixeira. O médico destacou a informação prestada pelo tenente Bento Colares, sobre a *capeba*, cujo tenente “contando maravilhas da *capeba* para hidropisias, da purga-do-leite; de raiz” (ALEMÃO, 2006, pp.72-74). Freire Allemão também narrou o que fora dito sobre o aproveitamento da *carnaúba*, em madeirame para casas, esteios, forquilhas, bicas e ripas, e, da raiz, faziam cestas de costura, salsa, farinha e tapioca. Ainda sobre informações conseguidas sobre a utilidade da *carnaúba*, o Freire Allemão continuou: “Das folhas novas se fazem tucum ou fios do dorso das folhas como nós tiramos das do tucum, que é excelente em força e duração; Das folhas fazem os chapéus, peneiras, do talho caçuás etc. da amêndoa torrada fazem café. Se extrai da carnaúba grande porção de cera” (ALEMÃO, 2006:77).

Com base nas passagens supracitadas, identificamos que Freire Allemão conseguiu ricas informações sobre a *capeba* e da *carnaúba* com o boticário e com o funcionário público. O naturalista obteve a informação sobre a utilização da *capeba* em combate à hidropisia, uma patologia em que há derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo. Essa enfermidade aparece muitas vezes também nos diários de viagem como os de Saint-Hilaire (1779-1853), um dos naturalistas com os quais Freire Allemão trocou cartas a respeito de informações científicas, como mostra o trecho a seguir:

Ilustríssimo Senhor, Tomo a liberdade de apresentar a Vossa Senhoria os meus ensaios botânicos. **Ninguém melhor que Vossa Senhoria, pode ser meu juiz, e auxiliar-me com seus conselhos;** [...] avaliando as dificuldades, que me rodeiam, **saberá desculpar as imperfeições do meu trabalho, e descobrir se nêle algum merecimento existe.** [...] Nossas florestas, timbre do solo brasileiro à admiração do estrangeiro, e uma das nossas mais preciosas riquezas, vão sendo destruídas pelo machado fogo, com uma imprevidência pertinaz e estulta. Delas em pouco só restará a memória com tardio arrependimento. [...] **Na falta de outros, mais capazes,** animei-me a rastentar a empresa, quero dizer, **a principiá-la,** porque ela deve ser longa. [...] o que está impresso é o que agora tenho a honra de remeter a Vossa Senhoria [*] **e se Vossa Senhoria se dignar lançar-lhe os olhos, e achar que não é uma obra inteiramente inútil,**

continuarei a submeter ao juízo de Vossa Senhoria o que for publicado para o diante (ALEMÃO, 1851, grifo nosso).

Destacamos este trecho para embasar o que argumentamos sobre a construção do conhecimento científico ser feito a partir uma rede de pessoas. No trecho exposto, Freire Allemão escreveu ao botânico francês, Auguste de Saint-Hilaire, que viajou pelo Brasil entre 1816 e 1822, embora não tenha viajado para o Norte e nem ao Nordeste do país. As correspondências que Freire Allemão trocara com Saint-Hilaire e com outros homens de ciências⁸ do Oitocentos, prova que os conselhos, as informações, a descrição e possíveis aplicabilidade da natureza a serviço do país, fizeram parte do que se pôde construir em termos científicos naquele período. Assim, vemos mais uma vez que a ciência em Freire Allemão se deu com a articulação de múltiplos saberes e atores sociais.

Nas instruções de viagem que foram dadas aos membros da Comissão há menção de que se preste socorro médico aos habitantes das regiões percorridas, caso estivessem sendo acometidos por algum mal. Ao analisarmos o diário de viagem, percebemos em inúmeros momentos que Freire Allemão tentou cumprir essa determinação, como revela trecho a seguir:

Examinei a moléstia do Sr. Caminha, que é um tumor sobre a clavícula do lado direito; aconselhei que fosse a Paris para se extirpar, no caso de ser possível”. “Entramos para a sala, conversou-se um pouco; vi uma senhora com um pequeno tumor entre as juntas e me despedi, [...] Na casa que visitou ao lado da Matriz foi para a botica, quando **chegou um rapaz, chamando por um médico, dizendo que acudisse um sujeito em outra casa**, pois estava tendo um ataque. Chegando lá o homem estava aos gritos e sem fala. **Mandamos vir água quente e mostarda para escalda-pés** e no instante chegou o Lagos e depois o Pacheco com o escalda-pés, cheiros, fricções etc. o homem foi tornando e eu saí (CISNEIROS, 2006, pp. 85-86, **grifo nosso**).

Chama-nos atenção o tipo de cuidado médico realizado por Freire Allemão naquele rapaz que estava tendo um ataque. Na ocasião, o botânico utilizou água quente e mostarda para escaldar os pés do paciente. Essa prática terapêutica não era algo exclusivo dos médicos oficiais, mas um intento tradicionalmente conhecido já naquela região. Essa questão leva-nos a refletir, que naquele período, determinadas formas de utilização de recursos naturais eram similares entre os

⁸ A referência aqui aos “homens de ciência”, é daqueles, como destacou Lorelai Kury (2004), que além de estarem antenados com as teorias filosóficas e científicas vigentes na Europa, participavam da chamada República das Letras como cidadãos.

médicos com formação acadêmica e outros praticantes. Pois, mesmo sem educação médica formal, esses também viram na naquela planta algum potencial curativo.

Apesar de percebermos que determinadas práticas médicas coexistiam entre Freire Allemão e os atores locais do Ceará, percebe-se a contraposição que o médico fazia diante do que observava. Era como se Freire Allemão quisesse testar se a forma de utilização de determinados espécimes realizadas pelos nativos da região estava correta. As preocupações do médico se estendiam ainda à compreensão daqueles atores sobre determinados males, como mostra a passagem a seguir:

Há aqui pelo sertão e talvez em todo o Ceará a ideia que o milho demasiado causa moléstia e mata o animal” (os cavalos estavam triguizados). Sujeitos da povoação se ofereceram para tratar dos cavalos [...] sangraram o meu, “mas eu, julgando sempre que o cavalo o que tinha era cansaço pela penosa e longa subida e descida da serra [...] Sangraram-no, banharam-no, etc (CISNEIROS, 2006, pp. 145-146, grifo nosso).

Com base na citação destacada, percebe-se que a interpretação que Freire Allemão tinha sobre a mortalidade entre os cavalos da região sertaneja era diferente de alguns habitantes do local. A prática de sangrias, utilizada pelos habitantes para tratar da fraqueza muscular dos cavalos, foi muito utilizada por praticantes populares. A sangria consiste na extração de determinada quantidade de sangue do enfermo, de forma a controlar os excessos que interferiam nos humores. Naquele período, a prática era muito difundida pelos barbeiros-cirurgiões, vistos fortemente como charlatões.

Diante do exposto, a percepção de Freire Allemão sobre a sangria que os cearenses realizaram naqueles cavalos pode ser reflexo da forte rejeição e perseguição a qualquer prática curativa não administrada por médicos com formação universitária. Tânia Pimenta (2004) aponta que, em 1828, com o desaparecimento da Fisicatura-mor, organismo que supervisionava as práticas terapêuticas, também foi proibida a prática de curandeiros e sangradores.

Ainda que o pensamento de Freire Allemão fosse de encontro aos dos atores locais, a sua narrativa de viagem desenvolveu-se também por causa do cruzamento daqueles saberes. Cabe dizer que apesar das contraposições feitas à ideia de saúde e de doença daquela população local, o médico sempre destacava

os esforços daquelas pessoas, sejam médicas ou não, em tornar mais saudável aquela região. Analisemos o que o médico relatou durante a viagem de Icó ao Crato, em 04 de dezembro de 1859:

De manhã, 7 de novembro: fomos a uma conferência com o Dr. Théberge sobre uma moléstia da mulher da irmã do nosso vizinho Teixeira. Théberge é um médico distinto e homem muito trabalhador, tem feito e continua a fazer muitos serviços à província, que tem visitado e explorado na maior parte de sua extensão, para o lado do sul. Está aumentando, consertando e tornando mais sadia a Cadeia do Icó (CISNEIROS, 2006,167-169).

O Dr. Pedro Théberge (1811-1864) era um médico, nascido na França, mas que desde o ano de 1839 havia fixado residência no Ceará. Durante a viagem naquela província, Freire Allemão indagava as pessoas também sobre a história do passado da região. O Dr. Théberge foi um personagem que apareceu muitas vezes nos relatos do viajante, pois grande foram seus esforços na construção da escrita sobre a história do local. Contudo, o conhecimento sobre o passado histórico do Ceará foi conseguido por meio do conhecimento de muitos outros atores. Destacamos um trecho em que uma informação sobre contextos pretéritos foi prestada por um indígena:

Ao meio-dia apareceu-me o índio Inácio José de Souza (músico e arco verde [arcoverdense], quer ser descendente de D. Felipe Camarão). [...] Disse-me que o vigário Simeão* foi morto de um tiro em sua casa. Deu-me mais algumas notícias de uma guerra de D. Felipe (não sei qual deles) contra os tapuias da serra, notícias muito confusas. Aprovei dele o modo de pronunciar algumas palavras indígenas. [...] Vieram depois à nossa casa os índios Filipe Pereira e José Francisco da Silva, para nos dar algumas informações sobre coisas antigas do lugar (CISNEIROS, 2006, p. 169).

No relato supracitado, as informações prestadas em S. Pedro de Ibiapina, no domingo, 09 de dezembro, pelos indígenas Filipe e José Francisco leva-nos a refletir sobre o quanto as trocas dos membros da Comissão com os nativos das regiões cearenses foram importantes para a construção também de um quadro histórico. Os dados capturados pelos atores locais serviam ainda para que os membros da Comissão pudessem orientar-se e explorar o local de forma mais apropriada. Destacamos um trecho em que um escravizado serviu de guia da expedição:

Passado o rio [...] um moço, dono ou filho da fazenda em frente da do Feijão, que agora soube ser do Gouveia do Ceará, porém [pode] ser escravo e vaqueiro, que nos conheceu e nos acompanhou por algum tempo; o moço nos ia servir de guia até passar as lagoas que, estando cheias, necessitam de prático para os desvios. (ALEMÃO, 2011, p. 432).

O conhecimento tácito dos habitantes do Ceará, sobretudo, da natureza, contribuiu para que os viajantes se lançassem em territórios por eles desconhecidos com menos receio. No trecho supracitado, percebemos a importância que os habitantes tinham nos trabalhos das viagens de exploração. Naquela ocasião, possuir um conhecimento pleno do caminho entre as fazendas, fez com que aquele escravizado atuasse como uma espécie de guia da expedição, tarefa muito significativa para o sucesso daquela empreitada.

A participação dos “populares” nos trabalhos da Comissão não foi um acontecimento casual. Em 08 de abril de 1857, Luíz Pedreira do Couto Ferraz (1818-1866), o visconde do Bom Retiro, Advogado e político, ao mencionar a Seção de Botânica, leu sobre o que se esperava dela:

Indagará dos homens praticos do lugar o nome indigena e vulgar de cada vegetal, e seus usos populares [...] das plantas que tenham, ou se presuma terem uso na medicina e nas artes, [...] colherá de suas partes activas quanto chegue para a Analyse chimica e ensaios terapêuticos e industriaes. [...] De cada uma destas cousas, não se podendo na occasião colher exemplares ou productos, procurará que alguma pessoa do lugar se incumba de o fazer, indicando-lhe o modo de o praticar, e de remetter com segurança. (COUTO, 1857, pp.13-14).

Com base no trecho destacado da ata do IHGB de 1857, era esperado que os cientistas da Seção de Botânica da Comissão mantivessem contato com os habitantes locais para saber informações sobre determinadas plantas, seja o nome vulgar ou sua finalidade. Além disso, o trecho do documento exposto revela que os atores locais participariam do trabalho de coleta e armazenamento daqueles espécimes. Essa análise reforça a ideia de que a história natural do país contou com “muitos braços” em seu processo de construção. Nesse percurso, inclui-se os naturalistas renomados e outras pessoas, cujo conhecimento sobre a natureza fora forjado de forma tácita, no cotidiano.

Ao regressarem da viagem, em 1861, os relatórios finais foram lidos pelos membros da Comissão no IHGB. Na parte de “Cultura das plantas que dão productos industriaes e mercantis”, Freire Allemão registrou que o algodão foi cultivado pelos

indígenas muito antes da colonização. Esse aspecto mostrava então, o quanto que os nativos já se valiam de determinados recursos que só mais tarde se transformariam em produtos comerciais, que é o caso do algodão.

Apesar da participação de escravizados como guias da expedição e da utilização eficaz de plantas pelos indígenas, durante a análise do diário sinalizamos alguns pontos. Nota-se que determinados grupos de pessoas, embora não fossem médicos com formação, foram constantemente requisitadas por Freire Allemão. O viajante achava que para prestar-lhes informações confiáveis, os homens ligados a órgãos públicos seriam os mais adequados. Entre eles estão: tenentes, coronéis e funcionários das câmaras. Observemos o que Freire Allemão relatou quando esteve em Sobral:

O Sr. Viriato de Medeiros, conversando sobre a salubridade de Sobral, disse-me que este lugar foi em outros tempos mui salubre; mas que depois que foi acometido pela febre amarela ficou sujeito a muitas moléstias, de sorte que hoje é já um lugar pouco saudável; principalmente a parte mais baixa da cidade, que é mais úmida (ALEMÃO, 2011, p.418).

O Sr. João Ernesto Viriato de Medeiros (1823-1900) residia na época em Sobral, atualmente um município situado no interior do estado do Ceará. Viriato de Medeiros era engenheiro e militar, com forte ligação ao governo imperial. Como destacamos na citação, ele prestara informações a Freire Allemão sobre a salubridade daquela região, ainda que não fosse médico ou tivesse estudo formal sobre temas ligados à saúde e doença.

Ainda conforme o trecho exposto, a relação entre o aparecimento de febre amarela e de outras moléstias devido ao clima, mostra como mesmo na segunda metade do século XIX, as concepções sobre saúde ainda tinham como base de sustentação a relação clima-doença. Percebe-se isso em diários de viagem que antecederam à viagem de Freire Allemão, como é o caso de Saint-Hilaire, um viajante-naturalista, aqui já mencionado. É como se na análise desses naturalistas, o mundo humano correspondesse uma lógica natural, ou seja, a natureza influenciava sobre questões de moralidade, de saúde e outras. Entretanto, conforme a citação, essa relação entre saúde e o entorno não era uma crença alimentada exclusivamente pelos viajantes-naturalistas, mas também por funcionários públicos, como o Sr. Viriato de Medeiros em Sobral.

Devemos atentar-nos para o fato de que informações prestadas por aqueles agentes a Freire Allemão e a forma de compreensão que eles tinham sobre determinados aspectos da região, foram conformados a partir de concepções específicas daquele período.

No próximo tópico, abordaremos a relação entre natureza e cultura cearense. Buscamos realçar que esse ideário era percebido não somente entre os médicos e viajantes naturalistas, mas por outros atores sociais. Dessa forma, busca-se argumenta-se que as interpretações de personalidades reconhecidas como autoridades no universo científico do Oitocentos não estavam distantes de atores residentes no sertão do país.

A relação entre clima e doença no Ceará

Entre os principais temas científicos da história natural do Oitocentos está o determinismo climático, que se deveu em grande medida ao renascimento do hipocratismo⁹, em meados do século XVIII. Na teoria hipocrática, as enfermidades advinham do desequilíbrio dos humores dos organismos e dos acontecimentos externos sofridos por eles. Para Hipócrates, o clima, a alimentação, os hábitos e os costumes, entre eles, o passado da região, conformavam o povo.

Percebemos no relato de Freire Allemão que ele partilhava dessa perspectiva, sobre a relação entre as questões naturais e culturais. Algumas pesquisas sobre relatos de viagem e do trabalho de botânica brasileira, construídos ainda na primeira metade do Oitocentos, como as dos viajantes que Saint-Hilaire e Von Martius, já apontavam para essa relação íntima entre a explicação natural e cultural.

Os autores Ricardo Cabral de Freitas e Flávio Edler advertem: “A noção de clima na tradição hipocrática era bastante ampla, tendo como aspectos primordiais a observação qualitativa da temperatura [...] e dos aspectos topográficos das áreas em que atuavam os médicos” (FREITAS; EDLER, 2022, p. 3381). Com base nessa teoria, o estudo da meteorologia e das variações atmosféricas poderiam ajudar no diagnóstico das doenças. Se o ar, por exemplo, se misturasse com os miasmas contagiosos, poderia ser favorável às doenças.

⁹ Hipócrates (460 a.C.-377 a.C.) foi um médico grego, considerado o “pai da Medicina”. Entre os escritos atribuídos a ele, está “Dos Ares, Águas e Lugares.

Essa associação entre clima interferindo na vida das pessoas apareceu em muitos momentos no diário de Freire Allemão, como mostra a passagem a seguir:

O Curu já deu este ano uma enchente, como igual não têm visto muitos moradores, há muitos anos. O inverno já tem causado males, chegou muito antes que esperavam, de sorte que os roçados estavam quase todos por queimar; e as chuvas continuadas, impedindo esse trabalho, não se tem podido fazer a tempo a plantação de legumes. Estão já temendo que se ele continuar assim pelo mês de fevereiro haverá grande prejuízo na criação, nos mandiocaís etc. etc. A mulher do vaqueiro da fazenda tem uns seis filhos, dois rapazes (muito malcriados) e quatro meninas (uma delas, Cosma, nasceu gêmea com o diabrete, Damião); a mais velha, Francisca, vai fazer no fim do inverno dez anos (costuma o povo do Ceará marcar o tempo pela estação seca e invernosa; [...]) Todas estas crianças são lindas e cheias de saúde, uma delas, Maria, de dois anos, é uma verdadeira alemã, clara rosada, de cabelos mui loiros, todas de uma tez um pouco requeimada, coradas, belos olhos, e bons dentes; são verdadeiros sertanejos (ALEMÃO, 2011, p.430).

Nesse trecho, Freire Allemão destacou o vigor das crianças no entorno do rio Curu¹⁰. Entretanto, o referencial de saúde e de beleza que ele se refere corresponde ao modelo idealizado de beleza europeia, em que crianças caucasianas, possivelmente fruto de mestiçagem ali na região cearense, são os referenciais de beleza do médico fluminense. O naturalista ressalta que Maria “é uma verdadeira alemã”, contudo, reforça, que aquela população era sertaneja. E essa caracterização era associada ao Nordeste, não só em decorrência de sua vegetação e do clima seco, mas para descrever um lugar inculto, distante, que era a vida no interior brasileiro.

Estamos salientando esse ideário da relação entre natureza e cultura, para enfatizar que as discussões médicas difundidas no universo científico na segunda metade do século XIX, especialmente o europeu, também circularam nas regiões mais afastadas na capital imperial, como o Ceará. No tocante à relação ambiente-alimentação-saúde, no trecho a seguir, mais uma vez percebemos uma informação prestada por uma pessoa pública. Agora, o informante falava a respeito de bolhas de sangue que se formavam no corpo de quem consumia mel de uma espécie de abelha:

¹⁰ O Rio Curu banha o estado do Ceará. Nasce, na região montanhosa formada pelas serras do Céu, da Imburana e do Lucas, localizadas no município de Canindé. Sua foz está na divisa de Paracuru e Paraipaba.

Contou-nos o **cônego Sucupira** que um João Leite [f. 239] fizera um sítio no meio da mata do mel bravo, assim chamada porque há aí uma espécie de abelha, cujo mel em certa época do ano produz na pessoa que o come bolhas de sangue pelo corpo, e que ainda ali se conserva o nome de tapera de João Leite.[...] Este sítio e mata é em cima do Araripe, entre **Crato e Exu** (Allemão, 2011, p. 465, **grifo nosso**).

A partir do relato supracitado, compreendemos que a relação entre salubridade e alimento, não eram exclusivas de médicos formados e influenciados pelo hipocratismo, como Freire Allemão e aqueles viajantes naturalistas mencionados anteriormente. Na passagem do diário, o médico escreveu a informação prestada pelo cônego José Ferreira Lima Sucupira (1781-1867). Segundo aquele beato, em determinados períodos uma espécie de abelha produzia um mel que causava moléstia em quem o comesse. Com isso, percebe-se que as pessoas que viviam em regiões estigmatizadas, vistas como incultas e incivilizadas, como o sertão cearense, partilhavam de muitas concepções comumente aceitas na história natural.

Diante disso, levantamos a questão: a ideia daquelas pessoas sobre fatores causais de moléstias, como foi a informação prestada por Sucupira sobre o mel prejudicial à saúde, pareciam não se distanciar das concepções reconhecidas como no mundo das ciências.

A seguir, destacamos mais um trecho que revela que a compreensão sobre doença e cura dos atores locais com os quais Freire Allemão se deparou, apresentava, em alguma medida, similitudes com as concepções médicas aceitas oficialmente no período:

Ontem à noite em casa do visitador, [...] uma senhora americana, me disse que a moléstia dos cafezais, de que se queixavam os lavradores de Baturité, não foi mais que efeito da geada! Que ele os observou bem (Allemão, 2011, pp. 534-535).

No trecho anteriormente referido, percebe-se que a concepção de uma senhora “americana” sobre a moléstia nos cafezais era consequência dos fenômenos naturais, que naquela ocasião disse ela ser a geada. A senhora com quem Freire Allemão conversara, a qual não citou o nome, provavelmente sem instrução científica formal, apenas pela observação daquele fenômeno meteorológico em determinado período, concluiu que acarretava prejuízo à

plantação de café. Aquela associação feita de forma espontânea pela senhora está registrada no diário de Freire Allemão. Naquele contexto, O médico julgou ser uma informação importante na construção de sua narrativa científica sobre o Ceará.

Os relatos analisados levaram-nos a reforçar que o conhecimento daqueles atores locais deve ser enxergado cada vez mais como saberes legítimos na conformação da ciência nacional.

Considerações finais

Ao trabalharmos com diários de viagens científicas do século XIX devemos estar atentos que na análise desse tipo de documento precisamos levar em consideração que essas fontes foram construídas a partir da visão de mundo de quem as escreveu. Diante disso, é imprescindível inserir os autores no contexto histórico em que eles viveram e de qual lugar parte seus discursos.

Freire Allemão nasceu no Brasil, mas doutorou-se na França. Foi médico da família Imperial e circulou por espaços de ciências que dialogavam com o ideário de civilização e progresso europeu. Dessa maneira, ao descrever sociedade e cultura cearense, o médico partiu também de sua subjetividade e lente para a analisar “o outro”. Isso não significa que seu relato seja essencialmente subjetivo.

Naquele contexto de construção e consolidação da nação, buscou-se integrar socialmente todas as regiões do Império do Brasil. As províncias interioranas, como o Ceará, eram consideradas incultas e incivilizadas. Parte dessa concepção ancorava-se na ideia de quanto mais afastadas da capital imperial, mais degenerada seria a sua natureza e cultura.

Esse lugar que foi relegado às provinciais interioranas pode também ter maculado o olhar de Freire Allemão sobre as informações prestadas pelos habitantes e as práticas médicas ali observadas. Outrossim, a luta pelo monopólio da cura ao longo do século XIX também foi um entrave ao reconhecimento das ideias sobre saúde e doença dos nativos daquela localidade.

Em suma, estudos como o que aqui foi desenvolvido, que identifiquem como os múltiplos saberes, formulados por pessoas que tiveram educação formal, quanto aqueles forjados em outros espaços no Brasil do Oitocentos, constituem substancialmente a história das ciências e da saúde. A produção do conhecimento

médico é circunscrita a cada temporalidade, respondendo a questões do seu próprio contexto histórico. Dessa forma, o estudo dos diários de viagens científicas, deve atentar-se sempre a esses elementos.

Referências

ALEMÃO, Francisco Freire. Cópia de uma carta escrita ao Senhor Augustin de Saint-Hilaire, em 23 de novembro de 1851. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, v. 81, 1961. p. 138-139.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão (1859-1861)**. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2011. 596 p. (Coleção Biblioteca Básica Cearense).

BRAGA, Renato. **História da Comissão Científica de Exploração**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. 411 p.

CAIRUS, Henrique F. Ares, águas e lugares; Da doença sagrada. In: CAIRUS, Henrique F.; RIBEIRO JR., Wilson A. **Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005. 252 p. (Coleção História e Saúde).

CARVALHO, José Murilo de. **A construção da ordem: a elite imperial. Teatro de sombras: a política imperial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CISNEIROS, Francisco Freire Alemão. **Diário de Viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006. v. 3. (Coleção Comissão Científica de Exploração).

CYSNEIROS, Francisco Freire Allemão de. **Dicionário Histórico-Biográfico das Ciências da Saúde no Brasil (1832-1970)**. 2025. Disponível em: <https://dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/dicionario>. Acesso em: 20 dez. 2025.

DAMASCENO, Darcy. Introdução. In: **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Divisão de Publicações e Divulgação, v. 81, 1961. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/402630/per402630_1961_00081.pdf. Acesso em: 18 mai. 2020.

FERRAZ, Luiz Pedreira do Couto. Instruções para a Comissão Scientifica encarregada de explorar o interior de algumas províncias do Brasil. Secção botânica. 08 de abril de 1857. In: **Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração, secção botânica**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1862. p. 13-14.

FREITAS, Ricardo Cabral; EDLER, Flavio. A “realidade do saber e da habilidade que se inculca”: clima, médicos e saúde pública no Brasil, 1808-1835. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 9, p. 3409-3417, set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232022279.02662022>. Acesso em: 11 nov. 2024.

GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado. Nação e civilização nos Trópicos: O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 5-27, 1988.

KURY, Lorelai. Homens de ciência no Brasil: impérios coloniais e circulação de informações (1780-1810). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 1, p. 109-129, 2004. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GL9GPgHLcpNLsdyv7hqDY4N/?format=pdf\(=pt](https://www.scielo.br/j/hcsm/a/GL9GPgHLcpNLsdyv7hqDY4N/?format=pdf(=pt). Acesso em: 11 set. 2024.

KURY, Lorelai (org.). **Comissão Científica do Império: 1859-1861**. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson Estúdio, 2009.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador: Edufba; Bauru: Edusc, 2012.

PAIVA, Melquíades Pinto. Os naturalistas no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro: I-Francisco Freire Allemão (1797-1874). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, Rio de Janeiro, a. 173, n. 454, p. 11-360, jan./mar. 2012.

PIMENTA, Tânia Salgado. Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do oitocentos. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 11, supl. 1, p. 67-92, 2004.

SAPUCAHY, Visconde de. 4^a. Sessão em 30 de maio de 1856. **Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil**, Rio de Janeiro, t. XIX, suplemento, s.p., 1856. Sessões de 1856.

Renata Carneiro

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde na Casa de Oswaldo Cruz (PPGHCS/COC/Fiocruz) com bolsa CAPES. Mestra pela mesma instituição. Bacharelado e Licenciatura em História (UERJ). Bacharelado em Administração e especialização em Gestão Empreendedora (UNISUAM). Pesquisadora de História na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV-Fiocruz). Membro do Grupo de História das Práticas da Saúde e das Doenças (GEPHPSD), vinculado institucionalmente com a Universidade Federal do Pará e cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisas do CNPq.
